

Uma Ajuda... e um Empurrão

13 de Maio, 08:45 h. Dirigimo-nos apressadamente para o ponto de encontro, onde são escolhidos os peregrinos que levam o andor de Nossa Senhora de Fátima, mesmo por trás da capelinha das aparições. No dia anterior, disse ao Duarte que iríamos levar o andor. Tinha falado com o Sopas e tínhamos hipóteses de ser escolhidos.

Já lá estão vários peregrinos à espera; alguns são do nosso grupo. Aguardamos pacientemente e mal falamos. Vou rezando mentalmente e pedindo para me escolherem. Bom, com a ajuda de Nossa Senhora e um empurrão do Sopas, não deve ser difícil. Ouço o servita, de serviço aos grupos, dizer: “Vocês os dois, aí atrás, sigam-me!”. Somos alinhados em grupos de oito, dois a dois. As alturas de ombro verificadas e os lugares no transporte do andor definidos. Dão-nos instruções (façam tudo o que ele vos disser).

O tempo como que volta para trás e vejo-me na reunião de preparação para a peregrinação 15 dias antes, a recebermos informações. A espera para a iniciar traz alguma ansiedade, mas o tempo vai passando lentamente, quase sem darmos conta. Enquanto aguardo vou pensando se o andor será muito pesado, se terei força para o agarrar, e peço à Virgem que me ajude e me dê a força necessária para o levar. Não quero que venha parar ao chão e digo-lhe isso. Sinto o manto de Nossa Senhora a cobrir-nos, agradeço-lhe (não fostes vós que Me escolheste, fui Eu que vos escolhi) e enquanto olho extasiado para Ela vejo um peregrino de bordão numa mão e terço na outra. Aproxima-se e fala-lhe. Não consigo perceber o que lhe diz, mas a Senhora sorri-lhe. Finalmente vejo distintamente quem é, claro, reconheci-o logo. É o Zé Pedro, que nos vê também e nos acena.

Sou acordado destas divagações com novas instruções – “Este grupo atrás dos cadetes da Academia, o outro grupo atrás!”. Nós seremos os terceiros a pegar no andor. Agora estamos em Sacavém e recebemos ordem de partida, “vamos embora”. O caminho entre o povo é difícil, uns atravessam-se e empurram-nos, não posso perder de vista o companheiro da frente... até Vila – Franca é sempre assim, barulho de carros e camiões, reza-se como se pode e as preocupações vão ficando para trás. Por fim chegamos à alameda por onde irá passar a procissão, um último sobressalto

“Alto, não se pode subir por aqui”, alguém responde “Deixa-os passar, são os do andor”, “sigam”.

Já se caminha sem dificuldade e os lugares vão passando, Azambuja, Cartaxo, Santarém. O povo aglomera-se de ambos os lados. Reza-se o terço no recinto. E à medida que as orações vão sendo ditas nas diversas línguas todos vão respondendo. O servita que nos acompanha manda-nos parar e abrir alas, “voltem-se para dentro” – diz-nos, e explica o que devemos fazer. Sim, no fim de contas são as meditações que nos falam sobre o caminho a seguir e como fazê-lo.

Olho para o outro lado e vejo o Duarte e o Alexandre, os outros dois não os conheço, mas julgo que um deles já o vi anteriormente na capelinha. Como em todas as peregrinações, conhecemos alguns, outros apenas de vista e há sempre novos. O Duarte está de terço na mão e reza, e entre os mistérios canta. Em Santarém já estava rouco. O António está ao meu lado e fecha a ala direita. Traz uma t-shirt com a imagem da ecografia do filho que há-de nascer daqui a 6 meses. Reza em silêncio e admiro a sua compenetração. O caminho para Vale Figueira é através dos campos e das estradas rurais, onde há tempo para tudo. Fala-se, reza-se, convive-se e faz-se silêncio. O Sopas aproxima-se, cumprimenta e fala a cada um de nós. Traz tranquilidade e uma palavra.

Os meus outros dois companheiros falam comigo, não sei quem são. O que vai em segundo lugar diz-me que já levou o andor em anos anteriores e dá-me mais algumas indicações preciosas de como se desenrolam as coisas. A expectativa é grande.

A procissão começou. À frente um cadete traz a cruz e tudo anda à sua velocidade. Quem marca o ritmo da peregrinação é o Cocas, ninguém o ultrapassa, paramos quando pára, andamos quando anda.

Mais atrás vem um Sacerdote com o livro da Palavra. À medida que avança levanta-o e mostra-o ao povo. Sentimos a glorificação no ar. Seguem-no um pouco mais atrás as bandeiras e os pendões multicores. A travessia dos campos é lindíssima e é grande a variedade das flores campestres, que alegam e embelezam este quadro. Estamos quase a chegar a Alcanena. Perdi o conto ao tempo. Há quanto tempo saímos? Há alguns dias, não, foi há bocado...já não sei.

De repente, sem avisar, surge na curva abaixo o andor e á sua frente, de ambos os lados, toda a procissão: cadetes, acólitos, sacerdotes, um mar de gente que vai passando ao nosso lado. Mesmo à frente do Andor vêem os Cardeais e os Bispos. É a última tirada, a subida de Minde e a recta que nunca mais acaba até Fátima, os

doze últimos quilómetros que parecem não ter fim, mas que vão desaparecendo pouco a pouco à medida que os nossos passos vão diminuindo a distância, sempre ao mesmo ritmo. A multidão que nos cerca entusiasma-se e aguarda impacientemente a Mãe.

Já não sei o que se passa, apenas oiço a voz dos servitas que acompanham o andor. “Não parem para mudar, mudem em andamento”, não oiço mais nada, não ouço a multidão, não vejo nada, apenas dou por mim agarrado ao varão do andor e assim que o tenho firme, bato no ombro de quem está à minha frente, que sai de imediato. Só ficamos os oito e continuo a ouvir apenas a voz do servita, “Em frente, sempre em frente... agora a fazer a curva, isso mais para a esquerda, em frente...”, os sentidos começam a clarear, já me apercebo do que se passa, no entanto não consigo pensar, sinto o peso no meu ombro esquerdo como se fosse uma pluma. Estranho, deveria ser mais pesado, estava à espera que fosse muito mais pesado. Alguém tem de estar sobrecarregado, não deve estar bem assente no meu ombro. De imediato deito as duas mãos ao varão e subo-o ligeiramente. Sinto como se os 260 peregrinos do nosso grupo estivessem a fazer força comigo, não sinto o peso, não sei quanto pesa o andor (O meu jugo é suave e o meu fardo leve). Chegámos a Fátima, o percurso que efectuámos desde Lisboa, quase 130 km foram percorridos nestes seis dias, e rezamos Àquela que nos fez caminhar e viver esta semana que hoje termina. E a oração brota naturalmente (Ó senhora minha, ó minha Mãe, eu me ofereço todo a Vós...).

De novo, “mudem em andamento” entra novo grupo e nós saímos, encostamo-nos à multidão que assiste, enquanto o andor continua serenamente o seu caminho. Olho para o outro lado e vejo o Duarte de olhos vidrados a desaparecer submergido no meio do povo. Observo como olham para a Virgem, rezam, cantam, vão em silêncio, uns com ar sofredor outros alegres. Uma troca de olhares com o António, um aceno de cabeça e entramos também na multidão deste povo que segue a Virgem que tranquilamente se dirige para o Altar a caminho de seu Filho (nossa guia nosso amparo).

Dirigimo-nos para o local onde o nosso grupo se encontra, e assim que pode, o António diz-me –“Não sei o que se passou. Estava a fazer força e sabia que ainda aguentava com mais, de repente ficou leve”, expliquei-lhe o que tinha acontecido (levai as cargas uns dos outros...). Ao chegar ao local onde estávamos, a minha

alegria é enorme e vou abraçando e contando a todos quanto via, que tínhamos levado o andor.

A celebração continua e inicia-se a Missa. Sento-me no chão para ouvir as leituras e finalmente cedo à comoção, deixo de lutar interiormente e permito que o meu coração se torne mais brando. As lágrimas correm-me silenciosamente pela face, enquanto um emaranhado de sentimentos aflora. A Leonor, que está ao meu lado diz-me “Chorar, limpa e purifica o coração” (felizes os que choram...). Sinto por um breve momento as misérias e a indignidade que carrego. Foi uma enorme graça que recebi, não existem palavras para agradecer. E a comoção mantém-se durante longo tempo. A missa está quase a terminar, e aproximo-me de um sacerdote que está a dar a comunhão. Chama-me a atenção. É negro, tem um sorriso enorme, e a cada pessoa que vai comungar mostra a hóstia e diz claramente “Corpo de Cristo”, e ao receber o “Amen”, os olhos brilham. Todo ele é alegria, tem tempo para tudo. Comento com quem vai atrás de mim como gostei de ver a forma como dava a eucaristia, sem pressas.

As celebrações estão a terminar, começa a chover intensamente, e prepara-se o Adeus à Virgem. Momentos antes da Senhora sair do altar em direcção à capelinha, deixa de chover. A Paula, que vem há vinte anos, diz-nos que quando a Virgem é levada no andor pára sempre de chover.

Acabaram as celebrações. Vamos buscar a camisola que o António deixou no lugar onde fomos escolhidos. É mesmo atrás da capelinha. A aglomeração de povo é enorme, não conseguimos andar e repentinamente vejo-me face a face com um padre.

Não resisto e pergunto-lhe de onde é. Sorri-me:

- Sou brasileiro do Rio de Janeiro.
- Sabe, foi o Padre que nos deu a comunhão.

O sorriso alarga-se os olhos brilham e pergunta:

- Sério? E vocês de onde são?
- De Cascais.
- Estive em Cascais há alguns dias atrás...

E a conversa flui facilmente...

- Vão com a bênção de Deus.

A pressão do povo já é menor, e já se anda bem. Nem dou dez passos alguém me chama e toca suavemente no ombro. É o padre brasileiro de novo.

- Diga-me, Almada é longe de Cascais?
 - Não nem por isso, é do outro lado do rio Tejo, talvez uns trinta e tal quilómetros.
 - Não é longe então! Sabe, está cá um Bispo Brasileiro, e no Domingo estaremos na celebração do cinquentenário do Cristo – Rei. Quem sabe a gente se vê lá!
- Não tinha pensado ir. Sete dias fora de casa já é algum tempo. E depois é sempre tão difícil arranjar lugar para estacionar, é tudo muito complicado. No entanto o convite está feito com imensa gentileza, não me sinto obrigado a aceitá-lo.

Domingo, 17 de Maio. As celebrações do cinquentenário chegaram ao fim, a minha mulher e eu regressamos a casa. Mais uma vez Nossa Senhora de Fátima esteve presente e a multidão rejubilou. Sinto-me cansado, já não sei o que pensar e repentinamente veio-me à memória o Magnificat. E de novo a oração brota, (Ó Senhora minha, ó minha Mãe, eu me ofereço todo a Vós e em prova de minha devoção para convosco, Vos ofereço neste dia os meus olhos, os meus ouvidos a minha boca e inteiramente todo o meu ser, e porque assim sou Vosso ó incomparável Mãe, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade Vossa. Lembrai-Vos que Vos pertença, terna Mãe Senhora Nossa, Guardai-me e defendei-me como coisa própria Vossa).

Não há dúvida. Nossa Senhora ajuda sempre e aparece sempre alguém para nos dar um empurrão.

Jorge Nunes da Silva
Maio 2009